



## Meus Eus - um livro revelador

Queremos refletir sobre um livro singular, que impressiona tanto pela beleza gráfica, como pelo tratamento estético: trata-se de **Meus Eus**, de Pedro Henrique Saraiva Leão, publicado em 1995, pelo Programa Editorial da Casa José de Alencar, da Universidade Federal do Ceará.

O livro parece ter o propósito de desnudar não só os mistérios do mundo interior e simbólico do poeta, mas, acima de tudo, de revelar o que há de mais importante na poética de um criador - a estética. Achamos que o deslindamento desses universos misteriosos é o sentido do livro **Meus Eus**.

O primeiro poema desse livro - "balada do vento" - é revelador em vários aspectos. O principal deles é a preparação do leitor para o enfrentamento da palavra criadora, que normalmente é estranha, daí a necessidade de um prelúdio - esta é a função que esse poema exerce no livro - a preludial. É um poema que embala e convence o leitor para a viagem estética. Nesta perspectiva, a balada recupera o sentido etimológico do termo - o de dança. E é isso que Pedro Henrique Saraiva Leão possibilita ao leitor: dançar ao som do seu canto. Outro aspecto importante desse poema, além do ritmo característico de alguns versos ("... vento que mente/ vento que sente/ que entra no quarto/ que fala com a gente..."), é o sentido metafórico da primeira estrofe, que possibilita uma leitura metalingüística: "no silêncio da alcova/ sibila o vento/ que vem violento/ da simetria singular/ do cosmo...". Aí estão definidos todos os elementos do ato criador do poeta: o silêncio - como estágio concentrador, solitário; o ruído - como estágio cósmico, de inspiração ou de racionalização; a violência - como estágio da revelação; a estrutura - como estágio concreto/físico do ato criador (a "simetria singular"); o desconhecido - como estágio abstrato/metafísico, inexplicável e misterioso (o "cosmo"). Envolto nesses elementos, o poeta se desnuda e mostra-nos a sua cosmovisão. Esse poema não poderia ocupar outro



lugar no livro a não ser o de abertura, pois a partir dele é que inicia a viagem estética do poeta. É um poema que revela a consciência de Pedro Henrique Saraiva Leão, quando da elaboração da sua poética.

O livro, como um todo, revela muitas facetas singulares. Uma delas foi percebida, com muita propriedade, por Ítalo Gurgel, estudioso da Crítica Genética: o poema da p. 46 mostra a gênese do processo criador de Pedro Henrique Saraiva Leão. Nesta página, está a reprodução do manuscrito do poema em seu primeiro estágio, com todas as indefinições e processos porque passou a linguagem, e que foi transcrito, na página seguinte, na versão acabada para o leitor. A reprodução desse manuscrito marca, sem dúvida, um importante fato poética de Pedro Henrique Saraiva Leão, pois a partir disso é que percebemos o quanto ele quer, neste livro, mostrar o seu processo de criação.

A linguagem, da maioria dos poemas, revela uma nítida influência concretista, em que o aspecto visual ganha relevância, e em que se percebe o jogo de palavras, a fragmentação, a montagem, e as várias leituras que um texto pode ter, dependendo da disposição dos seus elementos. Em muitos casos, as montagens são elaboradas de maneira a revelar as várias formas da construção morfológica e fonética, propositadamente construídas para obter a sonoridade desejada pelo poeta: "...domeiodatuaimensidão... o/son'eternoquevirá..."; "com)puta)dor"; "di(amantes"; "ter/gi/versar"; "c'oa" etc.

A metalinguagem é um elemento recorrente em muitos poemas. A palavra, instrumento do poeta, mereceu um poema, dos mais belos do livro: "...// e mesmo as palavras velhas merecem respeito... // elas nascem (e são sempre limpas:/ tu as conspurcas... // as palavras não têm culpa jamais/ do teu menos do teu mais...".

Alguns poemas são elaborados tendo como referentes notícias de jornal – nítida influência de Manuel Bandeira: "e onde sepultar os nossos mortos?..." (de uma notícia do jornal Tribunal do Ceará, de 1989); "Maria rosa que rosa não deu..." (do obituário do Jornal do Brasil, de 2/9/89); "Casaram os meus



sinos também” (de uma manchete do jornal O Povo, de 1977). Nesses poemas, além da reprodução do manuscrito, há a reprodução da página do jornal que veiculou tais notícias. Essa técnica de colagem é herança da vanguarda européia do início do século, principalmente do Cubismo – o que mostra o conhecimento teórico do poeta.

Em meio a tantas experiências gráfico-visuais, há poemas que guardam certa semelhança com sonetos. Tais poemas, no entanto, apesar de possuírem a estrutura fixa do soneto – dois quartetos e dois tercetos – têm estruturação silábica irregular.

Há poemas semanticamente incompletos, cujo sentido é recuperado somente com a participação do leitor, que passa a ser partícipe da criação: “, como se depois / que pássaros me arrancassem os olhos / eu começasse a te enxergar”. O início do poema com uma vírgula – que lembra Clarice Lispector nos romances *Uma Aprendizagem ou O Livro dos prazeres*, em que ela inicia o texto com uma vírgula, ou *A Paixão Segundo G. H.*, em que o início da narrativa é formado por vários hífen – remete para um contexto anteriormente elaborado, mas só definitivo com a (re)criação do leitor, o que demonstra não só a atualidade da linguagem, mas a consciência da recepção do texto, no processo da comunicação literária.

É um livro que surpreende pela diversidade de temas, pelo trabalho com a palavra e pelo tratamento gráfico – tão presente nesta época de *mass media* – que é dado a alguns experimentos, como é o caso dos “classificados” (p. 108/109).

Ao lado dos elementos estruturais e semânticos, percebemos um poeta preocupado com o mundo atual: com uma poética contemporânea que se desenvolve, talvez, sem um direcionamento estético sem muitas definições – “não acordes palavras – (...) (elas podem trair teus pensamentos) (...)”; com o amor, banalizado pelo cotidiano – “(...) amor dos cegos / dos que tomam lítio / no mesmo sítio (...)”; com o místico, também banalizado em nome de uma



pseudo-coletividade (o místico é interior, pessoal) – “Cristo, não quero te ver sofrendo / quando eu chegar (...)”; com a implacabilidade do tempo, que é momento de reflexão – “cuidado, amada:/ este espelho se aquece aos raios do teu olhar! (...)”

Enfim, o que vemos é um poeta em busca de respostas, ao lado de um outro que ousa criar, experimentar, sem medo do novo, consciente que é da sua técnica.